

Vinham de todos os cantos da nação. Novos, velhos, homens feitos, crianças de berço e aficionados do desporto. Piedade fechava os olhos, percebendo os ossos, músculos e a direcção do sangue, tocando-lhes delicadamente com as pontas dos dedos. Depois com as mãos firmes e enquanto sussurrava entre dentes uma lengalenga, torcia de um fôlego o osso deslocado. Era remédio certo e aflição talhada. Esfregava depois, vigorosamente, água ardente no local dorido e, como dizia o povo, dessa dor a alma não voltaria a queixar-se.

Nunca confundia o ofício de endireita e o seu labor de tecedeira com as artes adivinhatórias, transmitidas por sangue pela avó paterna, fiandeira em Vila Nova de Cerveira. Uma, era um dever. A segunda, o ganha pão. A terceira, um fardo pesado.

Não lhe fora fácil aceitar a herança de ver para além do que os olhos enxergam. Para uma menina de oito anos, eram experiências avassaladoras e recusá-las pareceu-lhe sempre o mais acertado. Soube que a professora Constança não voltaria no dia seguinte, morrendo durante a noite. Soube que o Gaspar, o colega de carteira, cairia do telhado ao querer resgatar uma bola perdida e não voltaria a andar. Soube que a Rosa, a padeira da vila, perderia um olho antes do jantar, pela força bruta do marido, que a desancava sempre que a amante o rejeitava. Soube que o Manuel do Outeiro de Cima cortaria a própria cabeça, com a motosserra que tão orgulhosamente empunhava, quando o pé se lhe escorregou da escada, ao podar as macieiras do seu frondoso pomar. Soube que o pai acabara de morrer de ataque de coração, a pescar no riacho, antes dele mesmo perceber o que estava a acontecer.

Não gostava de multidões e a muito custo acompanhava a mãe na feira, na missa e nas celebrações familiares. Era-lhe especialmente penoso sentir a morte a rondar um dos seus e chorá-los em silêncio antes do suspiro final.

Sentia um odor floral, um sabor metálico na boca, um arrepio muito leve que lhe subia pela espinha e fechava muito os olhos com medo do que aí viria.

Declinou o chamamento durante toda a sua infância, atravessando-lhe a juventude como dardos incandescentes até a atingir na vida adulta.

Naquele domingo de Abril, especialmente solarengo, Piedade acordara indisposta. O forte odor de gerberas, fê-la estremecer. Tinha colocado um ramo delas, amarelas como pequenos sóis, no dia anterior, no quarto do seu filho Agostinho. Recusou o chamado e continuou ligeira até à Capela de São Julião, para a eucaristia dominical, deixando o almoço adiantado. Quarenta minutos depois, o mesmo odor, forte e enjoativo a invadir-lhe as narinas. Tirou à pressa o seu avental e correu para casa a fim de abraçar o filho e amainar a aflição. No seu quarto, junto às gerberas, um último adeus, em forma de bilhete, escrevinhado à mão. *“Perdoa-me, minha mãe. Não posso continuar neste mundo sem a minha Elisa.”* Sobre o bilhete, um botão de madrepérola, daquela que lhe partira o coração e lhe roubara o amor à vida.

Piedade correu para a estação ferroviária. No meio do caminho soube que já era tarde, mas manteve-se agarrada à esperança, como um naufrago em alto-mar.

Um manto de gente, triste e compacto, olharam-na em silêncio e comoção. Agarrou-a o Ramiro, seu irmão, puxando-lhe o rosto contra o peito, impedindo-a de ver o filho trucidado pelo comboio.

— Perdoa-lhe, minha irmã – sussurrou-lhe, entre dentes.

Elisa, a mulher que Agostinho tinha pedido em casamento há um par de anos e lhe dissera entre desculpas e lamúrias, que nutria por ele um amor fraternal, mas que a paixão não abundava no seu coração, casava-se naquele momento, na igreja matriz com Simão, o filho do talhante.

Se vislumbrar de forma tão intensa e clara, era-lhes por vezes insuportável, o acolhimento das lides da feitiçaria foi uma práxis adiada até sentir no seu coração o domínio absoluto e a insuportável necessidade de tirar do seu peito a angústia que a morte de Agostinho lhe trouxera. O livro da avó Josefa, transmitido de geração em geração, profusamente ilustrado com plantas, mezinhas, rezas, doses exactas de ervas, chás, pós e loções, fizeram-na avançar.

— Nunca te esqueças de quem és e de onde vens, Piedade – disse-lhe um dia a avó, assegurando-lhe a cabeça entre as mãos e olhando-a nos olhos.

— A nossa linhagem de bruxas, até aos dias de hoje, jamais utilizou os saberes ancestrais para atear o mal. Não desonres o teu legado.

Piedade lamentaria todos os dias da sua existência não ter escutado a sua intuição. Recordava o olhar enevoado do filho, o aspecto pálido e triste dos últimos meses e as vezes que lhe apanhara uma lágrima furtiva ao despedir-se dele no alpendre, antes de dormir. Ela sabia que ele não estava bem e nada fez. O seu coração de mãe ludibriou-a, fazendo-a fraquejar na tarefa principal de qualquer mulher.

A dor dilacerante da morte de Agostinho, fê-la perceber que a pior mentira é a que contamos para nós mesmos.

Salvou até à sua morte, o seu filho muito amado, vezes sem conta. Em cada alma que tocou, quando a sua intuição lhe ciciava.